



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

SÍNDROME DE DOWN: REFLETINDO SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Ademárcia Lopes de Oliveira Costa¹

Natasha Serrano de Castro²

1 INTRODUÇÃO

Nesse artigo temos como objetivo apresentar o resultado de um estudo de caso com uma proposta de intervenção planejada para uma criança com síndrome de Down. Para a realização desse trabalho utilizamos a pesquisa qualitativa com os seguintes instrumentos de coleta de dados: Entrevista com a professora e a família da criança deficiente; Observação da criança em diferentes espaços (casa, escola, passeio e APAE).

Para compreender o significado da síndrome de Down, a proposta da educação inclusiva e pensar estratégias de intervenção no cotidiano da criança participante da pesquisa, foi fundamental buscarmos embasamento teórico na literatura específica de Lúcia Martins (1999, 2002, 2011) Débora Nunes (2013), Rosana Glat; Leila Blanco (2007), Sadao Omote (1994), entre outros. Com base nessas leituras a presente pesquisa possibilitou refletir sobre as temáticas supracitadas de forma segura e coerente com a realidade que nos rodeia.

Nesta produção, trataremos inicialmente do conceito e do significado da síndrome de Down, em seguida, serão expostos os resultados e discussões que foram possíveis alcançar, bem como sugestões de estratégias para aqueles que convivem e atuam no cotidiano familiar e escolar com a criança participante desse estudo.

2 SÍNDROME DE DOWN: DO QUE FALAMOS?

1 Prof^ª. Dra. Na Universidade Federal do Acre/UFAC. Participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Política Educacional, Gestão Escolar, Trabalho e Formação Docente (GEPPEAC) e do Grupo de Pesquisa em Educação (GEPED). <ademarciacosta@gmail.com>.

2 Pedagoga pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professora na Universidade Potiguar/UNP. E-mail: Natasha_serrano@hotmail.com.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Como continuidade a esse trabalho, propomos agora o debruçar sobre as falas, gestos e atitudes por nós observados. Convidamos a adentrar no universo da participante desse estudo – aqui nomeada por Sofia³ – com o objetivo de pensar uma proposta de intervenção idealizada para essa criança com síndrome de Down.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES: CONHECENDO SOFIA... PENSANDO ESTRATÉGIAS INCLUSIVAS

A criança participante desse estudo tem a síndrome de Down e desde que nasceu é acompanhada por uma equipe multidisciplinar composta por: psicólogo, fonoaudiólogo, fisioterapeuta e terapeuta ocupacional. Hoje, tem 4 anos e 9 meses e começou a frequentar a escola regular em fevereiro de 2013. Ressaltamos que a criança usa frauda, sua habilidade motora é comprometida e começou a andar somente aos 4 anos, até então, se locomovia sentada, não engatinhou. Além disso, não come alimento sólido e quando observa as pessoas se alimentando fica com ânsia de vômito, demonstrando assim, resistência para experimentar alimentos que não sejam líquidos. Não fala, apenas balbucia e se comunica por gestos quando deseja beber água e comer. Para isso usa o dedo fazendo o sinal “legal” – vertical: comer; horizontal: beber. Não demonstra ser agressiva, ao contrário, quando colocada com outras crianças se mostra tímida. É sensível a sons e a ruídos, não interage bem com brinquedos e pessoas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, fizemos quatro observações. Na primeira observação, realizada na casa da criança, percebemos que esta quando não frequenta a escola em um período, fica o dia todo com uma irmã adolescente e a avó, que cuida da casa e das meninas. A participante desse estudo fica em considerável parte do tempo “esquecida”, ocupando seu tempo em frente a televisão, em alguns momentos deitada outros sentada, se alimentando sempre através de uma mamadeira a depender do horário salgada (almoço e jantar) ou doce (lanche). Ressaltamos que a criança não participa das refeições em família.

³ Trata-se de um nome fictício, com o intuito de preservarmos a identidade da participante desse estudo.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Enquanto todos sentam à mesa na cozinha, ela toma a mamadeira deitada em um sofá na sala.

Na segunda observação feita em um passeio familiar, notamos a ausência familiar em interações com a criança e a dificuldade desta em interagir com outras pessoas tanto adulto quanto criança presentes no ambiente. Nesta observação ficou evidente que a criança tem pouco interesse em brincar/brinquedos. Rejeitava qualquer situação de interação.

Durante a terceira observação, que foi realizada na escola, vimos a dificuldade de interação presente em casa e no passeio, sendo reproduzida, assim como o uso da mamadeira. A criança demonstrou ainda ter um bom relacionamento com a professora, através de grunhidos e gestos apresentava uma comunicação, principalmente para fazer-se entender que não queria participar das atividades com os colegas, mas apenas sozinha ou com a docente. Esta, queixou-se de não ter formação na área inclusiva, justificando que no histórico da escola, é a primeira vez que recebem aluno com deficiência, acrescentando que sente-se extremamente limitada quando o assunto é a síndrome de Down.

Na última observação, feita na APAE, a criança demonstrou interesse pelas atividades realizadas na piscina. Durante os exercícios apresentou interação com a mãe que a acompanhava, respondendo aos estímulos orientados pela fisioterapeuta. Parecia ficar à vontade na água, brincava e sorria. Porém, notamos que sua interação se restringiu apenas a companhia da mãe.

Nestas observações, notamos alguns pontos comuns que favorecem a inclusão dessa criança e outros que interferem nesse processo. Assim, destacamos como pontos que favorecem: a criança é acompanhada por uma equipe multidisciplinar, tem interesse em atividades na piscina, gosta de assistir vídeos infantis e possui uma boa relação com a professora; e como pontos que interferem: a sua presença é negligenciada pela família, não é estimulada a brincar, comunicação limitada, a equipe multidisciplinar trabalha de forma isolada, a professora não tem formação na área.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

encontrará receitas prontas sobre como proceder, mas ampliará seu leque de possibilidades frente a uma educação que hoje se propõe de todos.

Nessa direção, Glat e Blanco (2007) afirmam que implementar um sistema de educação inclusiva não é uma tarefa simples, pois para oferecer um ensino de qualidade para educandos que tem ou não deficiência, é preciso a escola reorganizar sua estrutura em termos de metodologia, recursos pedagógicos e principalmente conscientizar e garantir que todos os profissionais envolvidos nesse processo estejam preparados para essa nova realidade.

Pensando essa temática, Denari (2006) afirma que é preciso propiciar instâncias de formação continuada que considerem o ensino de técnicas e práticas efetivas. A autora critica os sistemas tradicionais de formação docente – o geral e o especial – e afirma que é preciso buscar uma integração entre ambos os conhecimentos, construir um sistema unificado de formação eliminando também a clássica distinção que existe entre formação inicial e continuada. Para tanto, sugere a colaboração entre o ensino público e os programas de formação universitária, com o propósito de renovar os paradigmas de ensino.

Nessa perspectiva, Bueno (1999, citado por Glat e Blanco, 2007) defende a junção entre formação de professores “generalistas” do ensino regular – com algum conhecimento e prática sobre alunado diversificado – e professores “especialistas” – com formação nas mais variadas necessidades educacionais especiais. O “especialista” teria por função apoiar o trabalho do “generalista” e se necessário, prestar atendimento complementar ao aluno.

Desse modo, enfatizamos a necessidade da formação continuada na escola em que Sofia encontra-se matriculada. É preciso que haja mudança não só da docente que atua diretamente com essa criança, mas de todos com quem se relaciona nesse espaço, dando-lhe mais autonomia, oferecendo-lhe possibilidade de ensino e aprendizagem.

Outro aspecto que consideramos necessário sugerir uma intervenção diz respeito ao fato de Sofia ser uma criança que não brinca. Constatamos em nossas observações que ela sequer possui brinquedos.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Então sugerimos como intervenção que os pais reservem um momento para interagir com a criança, visando fortalecer esses laços, propomos que se revezem para contar historinhas antes dela dormir. Recomendamos que no início as histórias sejam curtas, pois as crianças com síndrome de Down apresentam na maioria das vezes um ritmo de aprendizagem mais lento, assim como dificuldade de concentração, por isso é importante que o material contenha bastantes gravuras. Outra sugestão é usar dessas gravuras para estimular o desenvolvimento e favorecer a aprendizagem, assim como trabalhar conceitos de tempo e espaço. Segundo Silva (1996) as ilustrações também tem dimensão lúdica, juntamente com a leitura podemos trabalhar a afetividade, flexibilidade, autonomia através de situações imaginárias.

5 (IN)CONCLUSÕES

Este trabalho teve como início uma retrospectiva sobre a história da educação especial, no contexto histórico percebemos que houve a passos lentos evoluções significativas que beneficiaram as pessoas com deficiências, conquistas foram adquiridas principalmente dentro da educação. Em seguida apresentamos as características da síndrome de Down e, a criança participante desse estudo: Sofia. Após quatro observações em espaços diferentes, elencamos algumas sugestões de intervenção no cotidiano dessa criança, visando sua inclusão de fato.

A partir dos dados coletados nos três momentos da pesquisa, verificamos que é preciso que a escola, a família e os profissionais que atendem a crianças estejam juntos, pois essa troca possibilita melhores resultados durante a inclusão. Diante desse contexto percebemos a importância da interdisciplinaridade, ao tratar das dificuldades que a criança apresenta numa perspectiva mais ampla de compreensão. A criança recebe atendimento de psicólogo, fisioterapeuta e fonoaudiólogo, foi observado que esses profissionais trabalham as dificuldades de Sofia de maneira isolada e não interagem com a escola, essa fragmentação traz prejuízos no seu desenvolvimento, visto que se os profissionais interagissem, diante



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

de uma programação por objetivos, as contribuições seriam mais significativas e os resultados seriam de forma mais rápida. A interação com a escola ajudaria a professora a entender melhor as dificuldades da menina, assim como os profissionais teriam acesso a prática do que esta sendo trabalhado.

Durante a construção desse trabalho, foi possível perceber a necessidade do brincar no dia a dia dessa criança. A ludicidade é um instrumento importante no desenvolvimento, que precisa ser levado a sério na rotina de Sofia. Percebemos diante das observações feitas que a mesma precisa de uma rotina que inclua brincadeiras de estimulação, assim como um momento com os pais que ajude no desenvolvimento psicoafetivo. O fato da criança não sentar à mesa e a maneira que a família a ignora durante as refeições, foi dos momentos que mais nos chocou como profissionais, nos fazendo refletir sobre a importância da construção de uma sociedade inclusiva começar pela própria família. Na escola, observamos vários comportamentos que Sofia tinha em casa se repetindo a exemplo de não sentar a mesa, outro fator que verificamos que dificulta a sua inclusão é a falta de formação inclusiva da professora para receber e incluir crianças com necessidades educacionais especiais. A escola, assim como a família, tem a possibilidade de proporcionar a inclusão, acreditando que todas as crianças de uma maneira singular são capazes de aprender e de se desenvolver. Nesse espaço, a criança com deficiência precisa ser mais estimulada, deixando de ser apenas número de estatística. A docência é uma das poucas profissões em que se tem o privilégio de aprender ensinando ao outro a se sentir melhor, mais preparado, mais seguro, mais independente e, principalmente, mais feliz. Após esse estudo, podemos afirmar que todos carregam consigo a capacidade de aprender, é preciso quebrar estigmas de que pessoas com Síndrome de Down são incapazes. Hoje, sabemos que a intervenção através da estimulação proporciona resultados significativos aos indivíduos, proporcionando melhoria na qualidade de vida dessas pessoas.

6 REFERÊNCIAS



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

DENARI, Fátima. Um (novo) olhar sobre a formação do professor de educação especial: da segregação à inclusão. In: RODRIGUES, David. (Org.). **Inclusão e Educação**: doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2006.

FARREL, Michael. **Dificuldades de relacionamento pessoal, social e emocional**: guia do professor. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FREITAS, Camila Siqueira Cronemberger. **Interação Social Entre Pares**: a importância do brincar para a inclusão escolar de criança com Síndrome de Down. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

GARAI, Thaisa. **A importância do brincar para criança com síndrome de Down**. 2012. Endereço Eletrônico: <http://www.redebrincar.org.br>. Acesso dia 10 de junho de 2013.

GLAT, Rosa; BLANCO, Leila. Educação Especial no contexto de uma Educação Inclusiva. In: GLAT, Rosa. **Educação Inclusiva**: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2007.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, Benedita Cruz. Um olhar das mães sobre os filhos com Síndrome de Down e o seu processo educativo. In: MARTINS, Lúcia (Org.). **Escola Inclusiva**: pesquisas, reflexões e desafios. João Pessoa: Ideia, 2008.

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. **Fundamentos em Educação Inclusiva**. 1 ed. Natal, RN: EDUFRRN, 2011. V. 1. 51 p.

_____. **A inclusão escolar do portador da síndrome de Down: o que pensam os educadores?** Natal, RN: EDUFRRN, 2002.

_____. **A diferença/deficiência sob uma ótica histórica**. Revista Educação em Questão v.8/9, v. 2/1, jul./dez. 1998, jan./jun.1999, Natal, RN: EDUFRRN – Editora da UFRN.

MUNIZ, Hiltnar, Silva. **Um estudo sobre a relação entre pais e profissionais na escola regular**. Dissertação de Mestrado. UFRN, Natal, 2008.

NUNES, Débora. Educação especial: um pouco de história. In: NUNES, Débora. **Educação Inclusiva**. Natal: EDUFRRN, 2013.

OMOTE, Sadao. Deficiência e não-deficiência: recortes do mesmo tecido. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Piracicaba, v. 1, n. 2, p. 65-73, 1994.

PUESCHEL, Siegfried. **Síndrome de Down**. Hacia um futuro mejor – guia para lós padres. Masson, Salvat Medicina: Barcelona, 1991.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

SAAD, Suad Nad. **Preparando o caminho da inclusão:** dissolvendo mitos e preconceitos em relação à pessoa com síndrome de Down. São Paulo: Vetor, 2003.

SILVA, Maria Ilka Soares da. **O lúdico, a criança e a literatura.** Natal: s.n., 1996.

SILVA, Katiene Symone de Brito Pessoa. O papel das interações no processo de inclusão escolar. In: MARTINS, Lúcia (Org.). **Escola Inclusiva:** pesquisas, reflexões e desafios. João Pessoa: Ideia, 2008.